

Mãe Viva

Director: NUNO BARBOSA

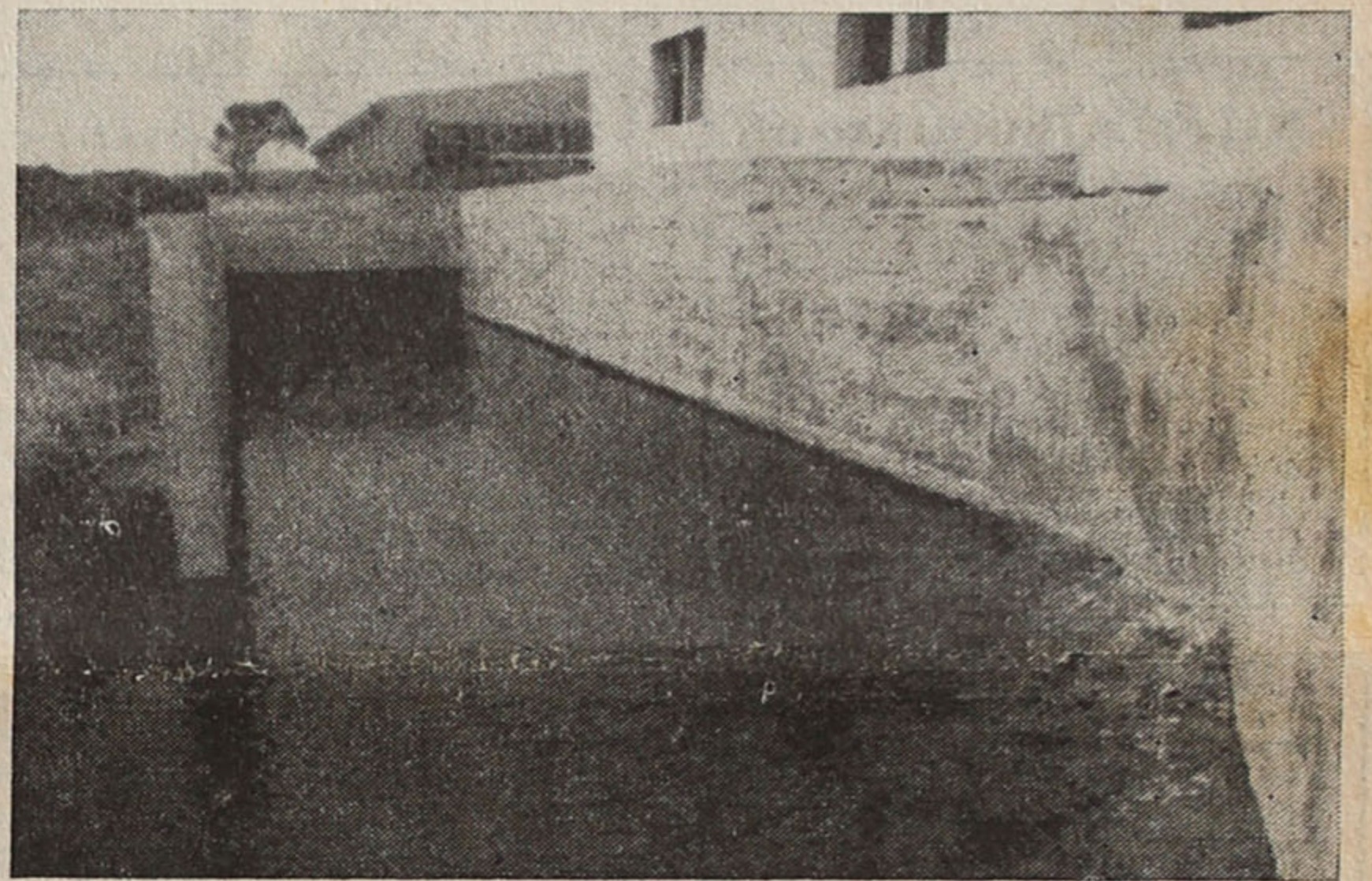
SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 346 — PREÇO 12\$50 — 30/6/83

Junto à Escola Primária N.º 5

Armadilha de morte para centenas de crianças!

Junto ao antigo Colégio de N.ª S.ª da Conceição, actual Escola Primária n.º 5, existem umas obras paradas há meses que constituem verdadeiro perigo de morte, não só para as crianças que frequentam aquele estabelecimento de ensino, como para todas aquelas que habitam nas proximidades. Antes que seja tarde, alguém tem de fazer qualquer coisa!



— PÁGINA 5

Água por todos os lados

S. João por cá:

Uma alternativa ao S. João do Porto



— ÚLTIMA PÁGINA

NO INTERIOR:

FIM DE MÊS

- Espinho e a Cultura
- Livros em questão

BAIRRO DA LOMBA

UM PROCESSO QUE SE AGITOU DE NOVO

— PÁGINA 4

Rua 19 vai ser só para peões?

— PÁGINA 5

RASCUNHOS

Aquilo que foram os longos anos da nossa guerra de África, não obstante as profundas cicatrizes deixadas em muitos corpos e espíritos, e que acabou há oito anos, parece ter sido varrido da nossa memória.

Quando alguém lembra esses maus momentos encontra sempre um ambiente de recusa, até de recriminação. Aquilo foi um pesadelo que importa esquecer, especialmente para quem viveu a um hemisfério de distância, na comodidade de um quotidiano sem abalos que só nos aflorava ligeiramente a pele uma vez por outra. Graças às malhas estreitas de lápis azuis bem fortes no sublinhar das interdições, aquilo era uma guerra a brincar, onde só caíam para sempre os que eram vítimas de desastre de viação ou de arma de fogo, de doenças tropicais, uns pouquíssimos mortos em acções de combate. Era assim a modo como o que acontecia com outras mortes verificadas cá pelo nosso cantinho europeu. Isto era um país maravilhoso

onde ninguém se suicidava. O que sucedia era um fulano cair do Ponte do Tejo ou de uma das do Douro, um outro estar a limpar uma arma que afinal estava carregada e lhe metia na tola uma bala malandrecas, aquele que atravessava uma passagem de nível ferroviária descuidadamente e era vencido pela razão do mais forte que era a locomotiva, o incauto que bebia uma poção envenenada de «remédio» de escaravelho convencido de que estava a engorgitar o mais famoso e puro uísque escocês.

Eu tinha então relações estreitas com uma data de rapazes na idade que obriga a ida «às sortes». E nenhum escapava ao apuramento. Alguns também eram metidos num «cômodo» pacote ou num avião e lá eram recambiados para as nossas Áfricas, a defender a Fé e o Império dos ventos da história. Mantinha com eles uma correspondência mais ou menos assídua, dando-lhes conta do que se ia passando pela santa terri-

nha cujo jornal lhes mandava religiosamente.

Um deles, hoje meu compadre, por artes suas e do diabo com quem pactuava em mandrices arranhou meios de ser recambiado do mato para Luanda, a pretexto de uma daquelas febres africanas que punham um fabiano a tremer por quanto era corpo, Magicamente foi prolongando a maleita mas dava sempre uma escapada da enfermaria porque a sua grande doença era permanecer na cidade capital. Um dia, recebi um aerograma em que me dizia, mais ou menos, isto: «Ontem, domingo, desenfiei-me e fui para a praia. Hoje de manhã o médico, ao abeirar-se da minha cama, disse-me — você está muito moreno. Sem dar descanso respondi-lhe — senhor doutor, é influência do sol da enfermaria. Imagine o que terão sido a minha e a cara dele, ambos a rirmo-nos para dentro».

Carlos P. Morais

ESPELHO MEU

Valham-nos todos os santos populares!

Com preços sempre a subir Não há ninguém que resista. Só quem comer e vestir Como S. João Baptista!

Esta quadra popular, 9.º prémio do habitual Concurso de Quadras de S. João, mais uma vez organizado pelo «Jornal de Notícias», teve a sua actualidade reforçada duma maneira que o seu autor estaria longe de suspeitar quando a congeminou. É que o Governo escolheu precisamente os festejos a S. João para comunicar o aumento dos preços de certos bens essenciais, em quantitativos pouco meigos. Ele é o pão, o leite, o açúcar, os cereais, as rações, os adubos, etc. Até os martelinhos, manjericos e alhos porros, viram a sua cotação subir nas «Bolsas» das Fontainhas e do Rio Largo! Estou em crer que o próprio São João, tão venerado cá por estas bandas terá, muito em breve, de se despojar da pele que, sumariamente, o cobre e ir montar o seu altar para a Praia do Meço ou qualquer outra onde o nu-

dismo seja permitido...

É que a realidade é esta: Santo António, tradicionalmente casamenteiro, está no desemprego, por falta de «candidatos» a abençoar — não há casas e a vida está pela hora da morte... S. João, coitado, apanhou em cheio na cabeça com o martelo da inflação e nem o cheiro do manjerico o reanimou Mas que grande alho-porrol Quanto ao S. Pedro, estou em crer que, nem com todas as chaves do seu volumoso chaveiro consegue abrir as portas que nos permitam sair deste raio desta crise...

O problema de fundo é que, mesmo fora desta quadra dos Santos Populares, esta «Banda» que somos todos nós anda a tocar desafinada!... Só me pergunto é se a solução estará nesta quadra com que encerro (tal como comecei) este escrito, e que teve uma menção honrosa no mesmo concurso: «Se a banda do meu lugar/Não mudar já de regente/Acabamos por dançar/A moda do antigamente...»

N. B.

Carlos Albuquerque Pinho
MÉDICO
Doenças do aparelho digestivo
Endoscopia digestiva
CONSULTÓRIO
Rua 31 n.º 321
Telef. 724401 — ESPINHO

Café Grill Snak-Bar
GREICE
Rua 62 n.º 730 — ESPINHO
Visite-nos e será n/ Cliente

ISAURA
CABELEIREIRA
Rua 16 n.º 752
Telefone 720461
ESPINHO

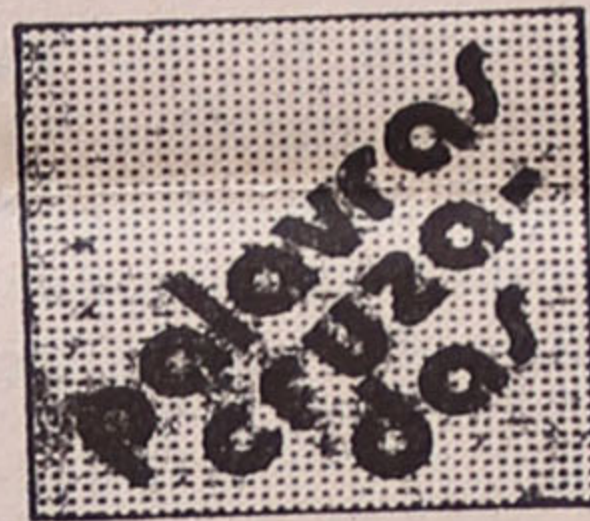
Estores OUTEIRO
de AUGUSTO PEREIRA DO OUTEIRO
Executam-se reparações em Estores e Percianas de todos os tipos
Colocação de Estores de plástico, alumínio, laminados e verticais
Oficina: Rua do Pinhal — Quinta - ANTA
Residência:
R. Capela Ramos, Bloco C, Porta 2-1.º E — Guimbra - ANTA
Telef. 721737 — 4500 ESPINHO

CONFETARIA DOCE BELO
do «Jaimes»
ex-encarregado da SUIL
Secção de mercearia fina e Snak
De passagem, tome a sua «bica»
RUA 25 N.º 387
(entre as Ruas 16 e 18)

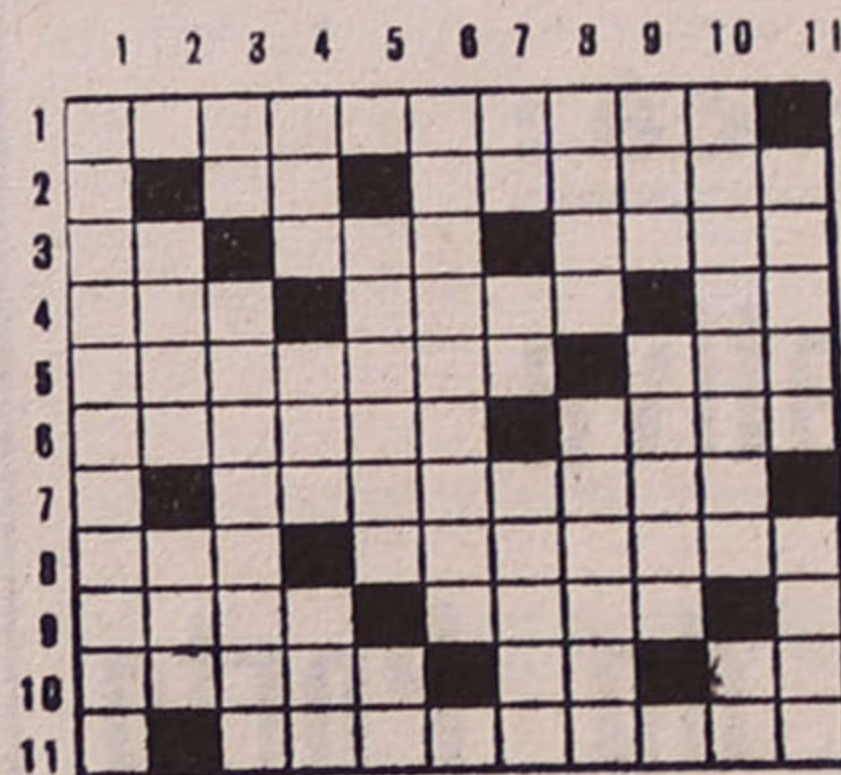
D. Nilza Bragança da Silva Pereira
MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

ALFAIATARIA MANO José Ricardo Mano
Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança
Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 721823

Um ano decorrido e vivido com profunda saudade daquela que muito amamos em vida e cuja memória veneramos, seu marido, filhos, e mais família, mandam celebrar missa pelo seu eterno descanso, no próximo dia 3, domingo, pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho, agradecendo muito reconhecidos a todos quantos se dignem assistir a esta celebração.



N.º 24



HORIZONTAIS

1 — Esmerava-se. 2 — Este e o mais atrapalham muita gente; este não tem amigos. 3 — A mania começa assim; em Hollywood havia o Jonhson e o Heflin; este pão de milho está ao contrário. 4 — É o começo da prática; a antiga botica principiava assim; di-lo o cão. 5 — Ruíres; grega plural. 6 — Enganas; é uma raça de cavalos copulentos. 7 — Divergirão. 8 — Empunhei; assim se aclamavam os reis. 9 — Esta é rija; esta é do conti-

nente ao sul do nosso. 10 — Juntas; assim se grita; fi-lo a muitos livros. 11 — Inquietaras.

VERTICAIS

1 — Com a subida da inflação as nossas vidas estão-nos cada vez mais. 2 — Este é grande e salgado; quando o vento sopra de lá é sinal de chuva. 3 — Este escreve-se já depois da carta pronta; auxiliaria. 4 — É meia revisão; somei; percelana bem conhecida dos cruzadistas. 5 — Captura; sua. 6 — Esta é mesmo desajetada. 7 — Mercúrio; artigo plural; balanceiam. 8 — Gerner; rezaria. 9 — Fazem-no as aves e os aviões; estamos na época de a frequentar. 10 — Fá-lo quem não é leal; vem depois do sol. 11 — Excede-se; fazem-se para cumprir, o que não quer dizer que o sejam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 23

HORIZONTAIS — 1 — Mosqueteiro. 2 — Pau, vela. 3 — Celerado, fé. 4 — Iró, adi, mal. 5 — Na, idioma. 6 — Triásicos. 7 — Apoi, oc, MC. 8 — Somali, ária. 9 — Orate, uní. 10 — Al, estrumas. 11 — Soam, ramos.

VERTICAIS — 1 — Cineastas. 2 — Opera, pó, ló. 3 — Saló, tomo 4 — Que, iriarem. 5 — Radiolas. 6 — Evadia, itr. 7 — Tedioso, era 8 — Elo, mica, um 9 — la, Mac, rumo. 10 — Fá, ominas. 11 — Oberliscals.

Depósito Legal 2048/83

maré viva

SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — António Afonso, David Pontes, Idalina Pedrosa, João Barrosa, Joaquim Peito
Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Idalina Pedrosa e Joaquim Peito
COLABORADORES — Carlos P. Morais, Joaquim Fidalgo e Morais Gaio
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiães), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
Tiragem deste número: 2000 ex.

J. G. Machado Peralta

MÉDICO

Rua do Calvário - SILVALDE
Tel. 723018

Rua 11 n.º 868 - Tel. 724176
4500 ESPINHO

ACUSADOS DE VÁRIOS ASSALTOS:

2 menores condenados a 4 anos de prisão... Os restantes 4 ficaram com pena suspensa

Em Março último noticiámos aqui nestas colunas, a propósito de uma vagas de assaltos que correram Espinho de uma ponta a outra, que a população desta cidade poderia, desde a altura, dormir mais descansada porque os seus autores estavam já nas mãos da justiça. Eram eles, o Ramiro Ferreira de 17 anos, o José Augusto da mesma idade, o Fernando Manuel de 16, o José Filipe também de 16 anos, o José Joaquim de 17 e o Manuel de Jesus com 16 anos. Todos, à excepção do Manuel de Jesus que é empregado fabril, trabalham na construção civil e estão agora a responder perante o tribunal. São acusados de terem praticado vários assaltos. Assim o Ramiro, que esteve praticamente em todas para usar a expressão de um dos advogados de defesa, e o Fernando assaltaram o armazém do Celeiro, o Patronato, a AAE, o Ciclo, o Posto Médico e a Câmara. O mesmo Ramiro, o Fernando e o José Augusto

«estiveram» numa fábrica de cortiça em Monte Lírio em Anta. Ainda o Ramiro e o Fernando mais o José Augusto, o José Filipe e o José Joaquim, «foram» ao café Avenida, ao armazém da Fosfoeira e sua Cooperativa. Refira-se que os mesmos são os autores do assalto ao cinema de Esmoriz, a um café situado nas imediações e às Escolas Primárias do lugar da Relva mas pelos quais não estão neste momento a responder. O Manuel de Jesus é unicamente acusado de ter levado e vendido alguns produtos destas «operações» para a feira da «Vandoma», recebendo em troca uma máquina fotográfica da qual desconhece o paradeiro. O total dos furtos, que foram praticados entre as 24 e as 2 horas da madrugada, foi avaliado em cerca de 300 contos e os danos rondaram os 100.

A primeira sessão do julgamento decorreu no passado dia 22 com início às 14 horas.

Nela os réus limitaram-se a confirmar a prática destes crimes. Foram ainda ouvidas as testemunhas de acusação, ou sejam as vítimas dos assaltos, tendo uma grande parte delas prescindido de qualquer tipo de indemnização sobre os danos de que foram vítimas. Estamos em crer que esta atitude aliada à menoridade dos réus, assim como ao facto de ser a 1.ª vez que eram acusados em tribunal estiveram na origem da benevolência do Juiz. Aliás um dos advogados de defesa teria afirmado, ao pedir a suspensão de pena para todos eles, que mandá-los para Custóias poderia significar a profissionalização na «arte» de praticar o crime.

Mas a pena suspensa de 2 e 3 anos foi «sorte» que só 4 deles tiveram, quando ontem abandonaram o tribunal em liberdade. Os restantes dois, o Ramiro Ferreira e o Fernando Manuel foram condenados a 4 anos de prisão.

Semana das Misericórdias

De 2 a 9 de Julho decorrerá em todo o País a Semana das Misericórdias. Assim, e integrada nas comemorações que terão amplitude nacional, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Espinho manda rezar uma Missa por alma de todos os irmãos falecidos, na Igreja Matriz, às 19 horas do próximo domingo, dia 3 de Julho.

Manuel Correia da Silva

ADVOGADO

Praça General Humberto Delgado, 287-4.
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:
Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401
4500 ESPINHO

SNACK - BAR
MARISQUEIRA
RESTAURANTE

"SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

Bombeiros de Espinho apedrejados enquanto combatiam fogo

Apesar do calor ainda não se fazer sentir com grande intensidade, o que tem contribuído para que o número de incêndios na nossa região não seja ainda significativo, registou-se no passado dia 24, sexta-feira, um incêndio numa bouça nas Quatro Estradas, em Silvalde. Acorreram ao local as corporações dos Voluntários de Espinho e dos Espinhenses. Mas enquanto combatiam o fogo, os bombeiros foram apedrejados por desconhecidos que, em vir-

tude da escuridão, escaparam à perseguição que lhes foi feita.

Na madrugada do dia seguinte, as duas corporações voltaram ao local devido a novos fogos se estarem a registar no local. Num balanço final, foi constatado que arderam vários hectares de pinheiros e mato rasteiro. Face a todas estas ocorrências os bombeiros manifestaram a opinião de que se tratava de fogo posto, tendo posteriormente comunicado às autoridades.

A PSP LEVA A EFEITO:

"Operação Férias 83"

A exemplo do que se tem verificado em anos anteriores, a PSP vai pôr em prática a nível distrital a «Operação Férias 83». Esta operação destinada a vigiar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, as residências durante a ausência dos seus locatários no período de

férias.

Para aqueles que têm as suas férias programadas nestes meses, fora de Espinho, é bastante dirigirem-se à esquadra da PSP local, onde comunicarão a sua ausência e onde também poderão obter mais informações sobre esta vigilância especial.

TROCA-SE ANDAR T4 EM LISBOA, CIDADE NOVA, POR ANDAR OU MORADIA EM ESPINHO, PORTO OU ARREDORES.

RESPOSTA AO:

APARTADO 541 — 4000 PORTO CODEX

Auto-Branco

DE

ARMANDO M. V BRANCO

Oficina de Reparações de Automóveis — COMPRA E VENDA
Representante: Pneus CAMAC, Baterias, Peças, etc.

Pronto Socorro Permanente

Instalações:

Estrada de Anta — Telef. 723394 — 4500 ESPINHO

NA SEDE DA AAE:

Encontro sobre Literatura Infantil

Organizado pelo Centro Livreiro da Cooperativa Nascente, decorreu nos dias 17 e 18 do corrente mês um encontro de Literatura Infantil. As sessões, uma em cada dia, realizaram-se na sede da Académica de Espinho e tiveram como principal finalidade chamar a atenção de pais e educadores para a importância que o livro tem no desenvolvimento da criança, devendo por isso estar perto dela desde a mais tenra idade.

No primeiro dia, as orientadoras deste encontro, as professoras do ensino secundário Maria Emília Traça e Maria José da Costa, dialogando entre si, tentaram dar pistas aos presentes sobre esta problemática

do livro para a criança. Seguiu-se depois o reagrupar dos presentes para no fim destes formularem as suas questões em conjunto. As respostas ficariam para a sessão seguinte que não esteve tão concorrida como a primeira, dando origem a que se enveredasse por outros campos, embora também ligados a esta problemática, e que questões colocadas anteriormente ficassem sem resposta. Mas o resultado final de maneira nenhuma estará longe de ter sido positivo quanto mais não seja para despertar o interesse das pessoas por questões que de outro modo se encontram um pouco esquecidas.

Noite de Espinho no Casino

Decorreu no passado sábado, dia 25, no Casino de Espinho um espectáculo de beneficência onde estiveram no palco alguns artistas espinhenses e foi mostrado um pouco do trabalho desenvolvido por várias colectividades do nosso Concelho. Esta «Noite de Espinho», como lhe chamaram os seus organizadores, foi uma iniciativa do «Lions Club» desta cidade e nasceu a partir da «ideia de dedicar a última noite do S. Pedro a um espectáculo onde as pessoas que têm este tipo de actividade artística se pudessem apresentar em conjunto para o seu público. Entretanto aquele Cine-Teatro fechou inesperadamente e a iniciativa só agora se concretizou. Mas este espectáculo que era para só se realizar uma vez, vai agora ter continuidade procurando-se que ele se efectue todos os anos».

diz-nos um elemento da organização.

O espectáculo, que teve início já com um ligeiro atraso, prolongou-se até cerca das 2,30 horas da madrugada, saldando-se numa «maratona» que muitos tiveram alguma dificuldade em acompanhar. De facto pensamos que se poderia encurtar a duração do certame diminuindo o tempo de actuação dos participantes, de alguns em especial.

Para além das danças e cantares apresentados pelos ranchos estiveram também presentes a música coral, as variedades, a ginástica, o ballet, a música clássica e o fado. A organização foi, como já referimos, do Lions Club de Espinho e a receita reverteu a favor do Lar da Terceira Idade da Misericórdia de Espinho.

NASCENTE

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

AVISO

A Direcção da Cooperativa Nascente lembra a todos os sócios que conforme foi estipulado na Assembleia Geral de 18 de Junho de 1983, esta irá continuar no dia 30 de Junho de 1983, pelas 21,30 h., na Sede, com a ordem de Trabalhos já anunciada.

O Presidente da Direcção
José Figueiredo

TEATRO POPULAR DE ESPINHO

SEXTA-FEIRA, 1/7 (noite) às 22 horas

SÁBADO, 2/7 (tarde) às 17,30 horas

» » (noite) às 22 horas

no SALÃO DA PISCINA

«A BARCA, A BARCA SENHORES
MINISTROS, COMENDADORES,
MADAMAS, BISPOS, PRIORES
E DEMAIS PARENTELA.
A BARCA QUE LÁ VAI ELA.»

AUTO DA BARCA DO INFERNO

de GIL VICENTE

BAIRRO DA LOMBA

UM PROCESSO QUE SE AGITOU DE NOVO

O já famigerado Bairro da Lomba, em Paramos, voltou há poucos dias a dar que falar. É que pela primeira vez desde a sua implantação no local (já lá vão mais de três anos...) algumas dessas 26 casas pré-fabricadas albergaram algumas famílias durante duas ou três noites. Famílias, porque marginais de toda a espécie são assíduos frequentadores dessas casas que, ainda sem serem estreadas, já apresentam notórios sinais de degradação, facto de que, aliás, o «Maré Viva» já deu conta em longa reportagem há poucas semanas publicada.

O DESESPERO DE NÃO TER CASA...

Ainda há bem poucos dias, o ministro Rosado Correia, na Assembleia de República, classificava o problema da habitação como «o mais grave do nosso país». Artur Bártolo, presidente da CME, em entrevista concedida ao nosso Jornal, afirmava

também o mesmo, no respeitante ao nosso Concelho. Verdade indelmentável esta, que muitíssimos portugueses sentem duramente, na pele. Pois foi justamente a falta de habitação que levou algumas famílias de Paramos a ocupar as casas do Bairro da Lomba. É que apesar de algo degradadas aquelas casas são um autêntico

suplício de Tântalo para quem, pura e simplesmente, não tem casa ou vive naquela autêntica ilha ue é o vizinho Bairro da Pinhal. Isto começou no sábado, dia 18, com a família de um motorista de táxi, Joaquim Pereira, recentemente vítima de um processo de despejo. Mas estas coisas, tal como as palavras, são como as cerejas — atrás dum vem outra, e assim sucessivamente... Menos de 24 horas depois da primeira ocupação já eram 18 as famílias «instaladas». Precariamente, porque o sonho durou pouco tempo...

SERÁ DESTA ?

Esperemos sinceramente que sim, que seja desta vez que termine, a contento de todos, o já estafado «romance do Bairro da Lomba». Isto porque, como é fácil de ver, a aventura da ocupação terminou pasados dois

dias. Situação à margem da lei, naturalmente que as autoridades tiveram de por cobro... Apesar da evidente justiça que assiste aos futuros habitantes do Bairro. Assim, na terça-feira seguinte, GNR e CME, pela via do diálogo, conseguiram demover os ocupantes de prosseguirem com a sua acção. Na altura, Artur Bártolo afirmava ao «JN»: «Estamos na disposição de ligarmos, ainda esta semana, a água e a luz, provisoriamente, e fazermos os contratos de arrendamento com as pessoas a quem as casas estão destinadas». E prosseguia o Presidente da CME: «Compreendemos bem a situação por que passam muitas famílias. A população vê as casas prontas, a degradarem-se de dia para dia, e protesta. Só é de lamentar que tudo isto se tenha passado a uma semana de tudo ficar resolvido, pois já tínhamos pre-

visto alojar as primeiras pessoas até ao final deste mês. Mas tudo se irá resolver!»

É que, efectivamente, a solução final para o Bairro da Lomba está à vista. O problema é que, por vezes, as coisas arrastam-se tanto que as pessoas desesperam.

Entretanto, no final da passada semana, estivemos em contacto com Artur Bártolo, que, a propósito deste caso, nos disse estarem já prontos os questionários aos candidatos a habitarem o bairro, e que por toda a esta semana as famílias ficariam alojadas. Em contacto com os S. Municipalizados de Espinho foi-nos dito estarem já garantidos os abastecimentos de água e luz, bem como o saneamento.

Tudo parece, pois, encaminhar-se para uma solução definitiva.

As transformações operadas em Portugal após Abril de 74 estiveram na origem da criação de Comissões de trabalhadores, comissões de moradores e muitas outras organizações populares de base que se estenderam um pouco por toda a parte.

No caso das Comissões de Trabalhadores, talvez por se encontrarem mais expostas às «intempéries» que por vezes se fazem sentir, poucas foram as que conseguiram sobreviver. Em Espinho, uma das únicas (se não a única neste momento) que conseguiu impôr-se ao longo destes anos, foi a C. de Trabalhadores da FOSFOREIRA.

Com efeito, os trabalhadores desta empresa acabam de eleger a sua 4.ª Comissão. Numa pequena entrevista que nos foi concedida por Francisco Ildefonso (F.I.) e Luís Correia (L.C.), dois dos 4 elementos — 3 efectivos e um suplente — que constituem a referida comissão, foram abordadas várias questões que a seguir deixamos à apreciação dos nossos leitores.

MV — Depois de Abril de 74, houve como que uma explosão e, um pouco por toda a parte, começam então a surgir C. de Trabalhadores. Passados que foram 9 anos, a situação alterou-se e, hoje, poucas são as empresas, nomeadamente em Espinho, que mantêm essas comissões. Em vosso entender, a que se deve essa situação?

LC — Como sabe, com a Revolução do 25 de Abril (que para mim não chegou a ser bem uma Revolução, mas, sim, uma mudança de regime), a liberdade de expressão e de pensamento tornou-se uma realidade. Nas empresas começam então a surgir as reivindicações, justas é evidente — pois tratava-se de melhorar as condições de vida e de trabalho. No entanto, talvez se tenha politizado demasiado as empresas. Ora, o conceito que eu tenho de C. de T. é mais vasto. Penso que estas devem preocupar-se, fundamentalmente, com as condições de segurança e higiene dentro das empresas, assim como fazer respeitar tudo o que esteja consignado na Lei Geral de Trabalho. Não quero com isto dizer que, nessa altura, isso não acontecesse! Só que, devido a uma certa inexperiência, as coisas, inicialmente, talvez se tenham radicalizado um pouco... — mas por parte de toda a gente, sem excepção!... — o que tornou o diálogo impossível.

Claro que o patronato, muito mais astuto, apostou, a partir

daí, na divisão dos trabalhadores, única forma de impedir o seu ascendente. Aliás, este foi, quanto a mim, o factor que mais contribuiu para a situação que actualmente se vive nas empresas.

ACTUAL LEGISLAÇÃO LIMITA PODER DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES

MV — Se inicialmente as dificuldades das C. de Trabalhadores eram motivadas por uma certa inexperiência dos seus membros (o que, aliás, seria natural), hoje os problemas parecem relacionar-se mais com a legislação criada para o efeito. Pois, segundo os entendidos, o poder de intervenção destas Comissões foi muito limitado. Qual a vossa opinião?

LC — A actual legislação veio de facto limitar a acção das C. de Trabalhadores. O seu objectivo é, quanto a mim, diminuir o poder reivindicativo dos trabalhadores e, simultaneamente, fazer aumentar os níveis de produção nas empresas, dada a situação de crise que se vive actualmente.

MV — Desde 74, quantas C. de T. passaram pela Fosforeira?

FI — Esta é a 4.ª Comissão.

MV — Houve concerteza uma melhora que outras? Qual o balanço, ao fim de nove anos?

Trabalhadores da Fosforeira têm nova Comissão de Trabalhadores

LC — Ao fim de todos estes anos o balanço é francamente positivo... Isto independentemente dos erros que possam ter sido cometidos.

FI — Claro que umas foram melhores que outras. Mas, no fundo, todas lutaram pela melhoria das condições de vida e de trabalho dentro da empresa. Esse o aspecto que deve ser realçado.

MV — Dos membros da actual C. de Trabalhadores, algum fez parte de outra ou outras Comissões?

LC e FI — Não! Nenhum de nós pertenceu a qualquer outra C. de Trabalhadores. Somos todos estreantes.

MV — Enquanto trabalhadores, tiveram a preocupação em acompanhar de perto a actividade das várias comissões que por aqui passaram?

LC e FI — Sim... Aliás, pode dizer-se que quase todos os trabalhadores têm procurado fazê-lo o que consideramos bastante salutar.

MV — É vossa intenção reunir periodicamente com os trabalhadores?

FI — A reunião periódica com os trabalhadores é uma das normas estatutárias. Portanto, mais do que intenção, é uma obrigação fazê-lo. Se ainda não fizemos nenhum plenário, foi porque só agora tomamos posse.

LC — Torna-se necessário juntar matéria de forma a justificar o plenário. Segundo a Lei, podemos fazer um plenário por mês. No entanto, se for necessário mais do que um, também se faz!...

GRANDE RECEPTIVIDADE A NOVA COMISSÃO

MV — Qual a importância que atribuem à confiança em vós depositada pelos trabalhadores?

LC — Acho que foi bastante significativo... Mas isto tem uma pequena história. A anterior Comissão não levou o man-

dato até ao fim. A falta desta criava um abismo entre a Administração e os trabalhadores. Foi então que decidimos avançar com esta Comissão cuja receptividade junto dos trabalhadores foi enorme. Podemos dizer que, ao contrário das outras, não foi necessário, sequer, os votos que costumam vir de Lisboa, dos escritórios, para sermos eleitos à 1.ª volta. Segundo os Estatutos, a Comissão tem de ser eleita por uma percentagem superior a 50%. No nosso caso, de 170 votos possíveis, tivemos 125, o que diz bem da confiança em nós depositada...

MV — Isso traz-lhes muitas responsabilidades?...

FI — Claro que traz muitas responsabilidades que não queremos, de maneira nenhuma, deixar de assumir. Vamos procurar não defraudar a confiança em nós depositada. Mas, para isso, é necessário e indispensável o apoio dos trabalhadores, para manter «accesa» esta «luz». Convém não esquecer que sem C. de T., muito do que foi conseguido iria por água abaixo... É necessário, acima de

tudo, que os trabalhadores aproveitem os plenários para colocarem directamente as questões... E isto é já um apelo que fazemos.

MV — Quais os vossos objectivos imediatos?

LC — Para já, o que pretendemos é a melhoria das condições de vida e de trabalho dentro da empresa... É nossa intenção «puxar» para os trabalhadores uma série de coisas de que carecem: dinheiro, condições de segurança e higiene e, se possível, alterar o sistema de chefias que em nosso entender está errado.

Mas o nosso objectivo primordial, que poderá parecer insignificante, é o de juntar de novo todos os trabalhadores, de forma a tornar possível uma harmonia dentro da Fosforeira. Só desta forma é possível a participação de todos na resolução de problemas que também são de todos.

FI — Para já é muito cedo. Apesar de termos muita coisa em mente, pensamos ser muito prematuro estar já a avançar seja com o que fôr... Estamos a começar...

Lustres em cristal, de esmerada confecção e toda a gama de apliques / candeeiros, etc. (Preços de fábrica, 40% menos que nas lojas da especialidade) construímos e restauramos

Salão de Exposição e venda ao público na:

Fábrica Domingues & Martins, Lda.

com sede na Rua 1 — Às escolas do Engenho

Telef. 53573(044) — MARINHA GRANDE

Damos garantia dos modelos por nós produzidos

Contacte-nos todos os dias úteis, incluindo sábados e domingos, para onde deverão marcar dia e hora a que deverá ser atendido.

Descontos especiais para construtores e empreiteiros.

EM ESPINHO VIVE GENTE DE QUATRO CONTINENTES

Talvez ninguém pensasse. Talvez ninguém soubesse. Mas, nós fomos saber.

De facto, até nós fomos um pouco surpreendidos. Portugal, um país de emigrantes. Motivos vários são a explicação que se poderá encontrar para que se possa entender a razão pela qual o nosso concelho foi escolhido por mais de duas centenas e meia de pessoas, para viver.

Pessoas essas que são provenientes de 4 continentes deste planeta, entre as quais se encontra uma que é quase nossa antípoda.

Na sua maioria são mulheres que casaram com portugueses que durante o período da guerra colonial viveram em vários países. Outras por conhecerem cá os seus maridos quando em férias gozavam o Sol que é das coisas boas que temos para vender, apesar das nortadas.

Mas, a juntar aos números que apresentamos no gráfico, a seguir indicado, existem mais estrangeiros que por cá residem, só que em tempo oportuno optaram pela cidadania lusa.

Porém, algumas pessoas residem em Espinho há mais de uma dezena de anos. Entre as quais, D. Helga Har, de nacionalidade alemã e comerciante nesta cidade. Em contacto com D. Helga que se mostrou receptiva ao diálogo, começou por nos dizer que tudo começou quando veio cá em férias.

Nasceu junto à fronteira da Austrália e da Suíça e daí para Espinho foram quatro anos de férias que por cá passou na sua juventude.

«Gostó dos portugueses pois são francos e abertos. Quem tem espírito de aventura tem de arriscar. Quando casei com o meu marido tive a sorte de ser bem recebida pela sua família. Penso que em Portugal se pode educar melhor os filhos que na Alemanha. Embora digam que lá é tudo bom, o que em parte é verdade, mas, nem toda a evolução é boa. Meu algum atraso deste país à evolução do meu país. Meu país, porque serei sempre alemã até morrer.

Quando cá cheguei não sabia uma única palavra de português. Hoje, ainda não falo correctamente. Lembro-me que quando fui fazer compras ali à esquina da rua 19 e 14 tinha de andar com o empregado a ver as gavetas todas, para ele saber o que eu queria. Por fim, já sabia o sítio das gavetas e apontava do balcão. Foram tempos engraçados. Reconheço que os portugueses não são tão maus como por vezes os pintam. São um povo como outro qualquer, têm características como os alemães, ingleses, etc., e sabem o que querem, precisam de ser apoiados. Acho muito engraçado aquele reclame da TV, quando o senhor chega ao aeroporto e mostra a mala e fica surpreendido ao ver que tudo o que comprou era português. O meu sogro tinha a ideia que os produtos estrangeiros é que eram bons. Um dia fui visitar a minha família e a seu pedido trouxe-lhe camisas alemãs, como ele gostava. Surpresa dele quando viu a etiqueta «MADE IN PORTUGAL».

Este é o depoimento desta simpática senhora que deixou o seu trabalho para nos dar uma opinião sobre o povo que somos

EUROPA	
ESPAÑA	23
FRANÇA	5
R. F. A.	5
INGLATERRA	4
ÁFRICA	
ARGÉLIA	1
ANGOLA	7
ÁFRICA DO SUL	1
AMÉRICA	
E. U. A.	3
CANADÁ	5
VENEZUELA	143
BRASIL	53
OCEANIA	
AUSTRÁLIA	1

e o país que temos.

Sendo a maior comunidade estrangeira quisemos ouvir um venezuelano. Contactamos várias várias pessoas, que são conhecidas como tal: Por fim, encontramos o jovem José Manuel, estudante universitário que, interrompendo uma sessão de estudo, nos afirmou em jeito de resumo que: «não há grande diferença entre Portugal e Venezuela em termos sociais, há sim uma grande semelhança. Os portugueses são muito receptivos e compreensivos com os estrangeiros. No meio escolar o acolhimento aos estudantes estrangeiros é francamente bom. A única diferença em termos de evolução é o que a Venezuela tem é devido ao petróleo que a

continua na página 6

Junto à Escola Primária N.º 5

Armadilha de morte para centenas de crianças!

MILHÕES DE LITROS DE ÁGUA!

A construção dos referidos edifícios encontra-se parada há meses, ao que parece por razões económicas. Trata-se de um conjunto habitacional, com três andares e uma quantidade apreciável de fogos. Mas o perigo não vem daí! O perigo vem das caves e garagens, nomeadamente nos blocos poente e norte, que se encontram totalmente inundadas de água! São, sem exagero, milhões de litros de água que, na maior parte dos locais, atinge a altura de dois e três metros! Para complicar ainda mais o caso, grande parte da vedação exterior de arame está destruída, o que permite o livre acesso. A rampa de acesso às garagens, voltada para poente e sem qualquer espécie de vedação é um autêntico convite à morte, já que a água chega quase até ao seu início! Percorrendo, como nós fizemos, o interior das obras, depara-se, a par e passo, com alçapões e poços, uns às escâncaras, outros mal tapados, verdadeiras bocas abertas para a água.

UM DESLEIXO INADMISSÍVEL!

Debaixo desse enorme lençol de água jazem betoneiras (sim, leitor!) e, por certo muitas outras coisas que não pudemos ver. Logo à entrada da obra, numas construções de madeira que



Uma piscina perigosa...

terão servido de escritório, pode-se ver um quadro eléctrico desmantelado. Restará saber se já estará desligado. Porque, naturalmente, se não estiver é mais um perigo a juntar aos outros... No grande pátio interior, betoneiras e uma grua totalmente ao abandono, acompanhadas por centenas de tijolos e telhas novas que vão sendo partidos a pouco e pouco.

Principalmente de noite, os apartamentos, ainda em toco servem para tudo o que se puder

imaginar, ao que nos disseram alguns moradores da zona envolvente.

Entretanto, e circundando este triste cenário, encontra-se, como já dissemos, uma escola primária, a nova Escola Preparatória que entrará em funcionamento em Outubro próximo, as Piscinas da Solvide, e uma vasta zona habitacional!

Aqui fica o alerta. Esperamos ainda chegar a tempo de evitar ocorrências de gravidade...



reunião da câmara

Foi mais uma reunião privada do executivo camarário aquela que decorreu na passada sexta-feira. A agenda de trabalhos não teve qualquer assunto em que os vereadores tivessem discordado dos problemas ali tratados. Julgamos, inclusivé que o Verão, que entretanto chegou, terá de algum modo contribuído para que o ambiente fosse fresco.

Relatamos, então os passos mais significativos desta reunião.

No próximo mês de Setembro o chefe da secretaria, o engenheiro Pinto Correia, representantes da Câmara, bem como funcionários interessados e que possam ser dispensados por esta, participarão no IV colóquio das secretarias municipais, a decorrer em Aveiro. Entretanto, o Patronato entregou o projecto da nova sede à Câmara, tendo esta deliberado que o mesmo deverá ficar retido para estudo para posteriormente se decidir. Os acontecimentos do

Rua 19 vai ser só para peões ?

Bairro da Lomba, que relatamos noutra local, estiveram também presentes. Enquanto a G.N.R. enviava o auto de notícia sobre os acontecimentos o Tribunal da comarca notificava o executivo para que este exerça o direito de queixa. Foi encarregado o seu presidente de conduzir o processo por parte da Câmara, «dentro da moderação possível», segundo a resolução aprovada. Apenas para tomar conhecimento, porque em termos de inflação, apenas se pode fazer isso, o ex-FF Habitação, comunicou que a taxa de juros de financiamentos obtidos por este passou a partir de 24 de Março último para 27%.

O novo edifício da escola primária de Anta custou pouco mais de 2000 contos. Uma bela escola que o nosso concelho e a população escolar de Anta vai usufruir. Esperemos, que comece a funcionar no próximo ano lectivo. Um pouco saturados, diga-se, continuam a chegar propostas sobre as obras

finais da piscina de talassoterapia. Esperemos que esta seja inaugurada antes do final do século.

O Sporting de Espinho, precisa de fundos. Toda a gente sabe. O Parque de Campismo fechou, também, toda a gente sabe. Enquanto os courts de ténis não são implantados, a direcção do clube solicitou à Câmara a utilização dos terrenos para promover actividades com vista à angariação de mais uns patacos para fazer face aos empreendimentos que tem e vai fazer no Avenida. A Câmara aprovou a pretensão.

A notícia que dá título a este relato é sem dúvida o anseio dos peões e o desencanto de alguns condutores e até comerciantes. Por proposta do vereador Rolando de Sousa, a Câmara aprovou a desafectação ao trânsito da rua 19 entre o largo da Câmara e o largo da Graciosa. Medida inteligente, dado que em alguns dias da semana não se pode andar a

pé nem de carro naquela artéria.

O problema terá de ser discutido na Assembleia Municipal e ainda será posto a discussão pública durante 3 meses.

Realçamos aqui o alcance desta medida, dado que o picadeiro desapareceu. Por outro lado, espera-se que quando as obras da avenida terminarem este possa ressuscitar para que seja o mesmo cartaz de outrora. A rua 19 poderá ser o outro local que Espinho precisa. Não se inventa nada de novo. Outras terras com as mesmas características de Espinho tem artérias principais cortadas ao trânsito. Imagine, caro leitor, a instalação de uns cafés naquela artéria, abrigados da nortada. Será mais um lugar de convívio nesta terra. Quem não perdeu tempo, ou por pura coincidência foi o dono do Ribamar que pediu a instalação de mesas e cadeiras para fazer a habitual esplanada junto ao seu estabelecimento. E esta?

Postura de Trânsito de Paramos

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal de Espinho.

Faz público que esta Câmara Municipal por deliberação de 9 de Junho de 1983, sancionada pela Assembleia Municipal em reunião de 13 de Maio de 1983, aprovou a seguinte Postura de Trânsito da freguesia de Paramos.

I

DO TRÂNSITO DE VEÍCULOS E ANIMAIS

ART.º 1.º — O trânsito de veículos nos arruamentos da freguesia fica sujeito às seguintes prescrições:

Travessa da Junqueira — (Junta) — Proibido o trânsito a todos os veículos e animais no sentido da Rua da Igreja para a Junqueira.

Travessa da Junqueira — (Esmeralda) — Proibido o trânsito a todos os veículos e animais no sentido da Rua da Junqueira para a da Igreja.

Rua da Lomba — Proibido o trânsito a todos os veículos no sentido norte/sul entre o Celestino e o Alberto Assunção.

Rua da Estrada de Baixo — Proibido o trânsito a todos os veículos no sentido sul/norte, entre as do Luz e o mestre João.

II

DOS ACESSOS SEM SAÍDA

ART.º 2.º — As ruas da freguesia com acessos sem saída são:

Rua dos Ribeirinhos; Travessa da Bouça; Travessa na Junqueira (Para trás das Ribas).

III

ESTACIONAMENTO

ART.º 3.º — O estacionamento de veículos nos arruamentos da freguesia, fica sujeito às seguintes prescrições:

Rua da Lomba — Proibido o estacionamento, de ambos os lados, do Celestino até 100 metros a sul.

Rua do Aqueiro de Baixo —

Proibido o estacionamento desde a EN 109, junto ao Serafim do Monteiro, até 100 metros abaixo.

Rua da Bouça — Proibido o estacionamento frente ao Fernando do lado oposto, desde o cruzamento até ao portão da Escola.

IV

SINALIZAÇÃO

ART.º 4.º — Terão prioridade absoluta sobre todas as outras da freguesia as seguintes ruas:

Rua da Igreja; Rua da Junqueira; Rua do Barril; Rua do Monte.

ART.º 5.º — Serão colocados sinais de Stop ou de aproximação de Estrada com prioridade, em todas as ruas que embocuem com a EN 109, tais como:

Rua do Aqueiro de Cima — 1 sinal de STOP e 1 sinal de aproximação de Estrada com prioridade.

Rua do Aqueiro de Baixo — 1 sinal de AECIP; *Rua do Camba* — 1 sinal de AECIP; *Rua da Erva Nova* — 1 sinal de STOP e 1 sinal de AECIP; *Rua da Escola da Lomba* — 1 sinal de STOP e 1 sinal de AECIP; *Rua dos Ribeirinhos* — 1 sinal de AECIP; *Rua da Igreja* — 1 sinal de STOP e 1 sinal de AECIP; *Rua da Lavoura* (nascente) — 1 sinal de STOP e 1 de AECIP; *Rua da Lavoura* (poente) — 1 sinal de AECIP; *Rua da Junqueira* — 1 sinal de AECIP; *Rua do Barril* — 1 sinal de STOP e 1 sinal de AECIP; *Rua do Monte* — 1 sinal de STOP e 1 sinal de AECIP; *Rua N.º S.º da Guia* — 1 sinal de AECIP e 1 sinal de STOP; *Rua do Espadilha* (nascente) — 1 sinal de AECIP; *Rua do Espadilha* (poente) — 1 sinal de AECIP.

ART.º 6.º — Serão colocados sinais de aproximação de estrada com prioridade (AECIP) em todas as ruas que embocam na:

Rua da Igreja — Rua do Aqueiro de Cima, Rua do Semião, Rua da Lomba, Trav. da

Junqueira (Junta), Rua da Bouça (Pôças).

Rua da Junqueira — Rua da Quinta, Rua do Semião, Trav. da Junqueira (Esmeralda) Trav. da Junqueira (Trás das Ribas), Trav. da Bouça, Rua da Bouça.

Rua do Barril — Rua Joaquim da Rocha, Rua Rosa do Albóia, Rua da Corredoura, Rua do Parão (Junto Caminho de Ferro), Rua da Dorinda do Júlio, Rua do Aero Club.

Rua do Monte — Rua da Quinta, Rua do Senhor do Calvário, Rua da Francelina, Rua dos Moinhos, Rua do Salomão.

V

ESELHOS

ART.º 7.º — Será colocado um espelho convexo no seguinte local:

Cruzamento de N.º S.º da Guia

VI

PASSADEIRAS

ART.º 8.º — Serão colocadas passadeiras nos seguintes locais:

Cruzamento na EN 109 — Junto ao Costinha.

Cruzamento na EN 109 — Junto à Capela N.º S.º da Guia.

VII

VELOCIDADES

ART.º 9.º — Será limitada a velocidade máxima de 40 Km/h nas seguintes ruas:

Rua da Lomba, *Rua do Semião*, *Rua da Lavoura* (Salvador à Rosa do Albóia), *Rua do Monte*, *Rua dos Moinhos*, *Rua do Senhor do Calvário*, *Rua da Praia*.

VIII

APROXIMAÇÃO DE ESCOLAS

ART.º 10.º — Serão colocados sinais de aproximação de Escolas nas seguintes ruas.

Rua da Lomba, *Rua da Lavoura*, *Rua da Bouça*, *Rua da Junqueira*, *Rua do Barril*, *Rua*

da Corredoura, *Rua do Monte*.

IX

SINAIS LUMINOSOS

ART.º 11.º — Serão colocados sinais luminosos intermitentes nos seguintes locais:

Cruzamento da Erva Nova com a EN 109, *Cruzamento da Sr.º da Guia com a EN 109*.

X

TRÂNSITO DE VEÍCULOS PESADOS

ART.º 12.º — É proibido o trânsito a veículos pesados nas seguintes ruas:

Rua da Deganha, *Rua da Lavoura* (Salvador à Rosa do Albóia), *Rua N.º S.º da Guia* (Sr.º da Guia ao Parão e Joaquim Rocha), *Rua da Junqueira* (Junta), *Rua da Junqueira* (Esmeralda), *Rua Nova da Praia*.

XI

TRAVESSIA DA PISTA

ART.º 13.º — A tendendo às características específicas que envolvem o atravessamento da pista, serão tomadas as seguintes disposições:

A. — *Sinalização* — Serão colocados os seguintes sinais: — De aproximação de pista (A nascente e a poente); — De proibição de virar à direita (A nascente e a poente); — De proibição de virar à esquerda (A nascente e poente); — De STOP (a nascente e poente).

B. — *Linhas Contínuas* — Serão colocadas linhas contínuas a delimitar a largura de passagem na pista.

C. — *Sinalização para Aviões* — Serão colocados dois X, pelo Aero Club, e dentro das normas legais.

XII

DAS PENALIDADES

ART.º 14.º — As transgressões

às disposições da presente Postura serão punidas com as penalidades previstas no Código da Estrada e no seu Regulamento, e ainda com as que especificamente a seguir se estipulam:

a) — por circulação, paragem ou estacionamento de qualquer veículo automóvel ou de animais fora dos locais fixados para esses fins — Esc. 1.000\$00.

b) — por violação do artigo 12.º, entre 2.500\$00 e 10.000\$00.

XIII

DISPOSIÇÕES GERAIS

ART.º 15.º — É expressamente proibida a ocupação de vias de circulação ou passeios, com qualquer tipo de instalação, sem prévia autorização camarária.

ART.º 16.º — Os condicionamentos estabelecidos por esta postura poderão ser alterados com carácter provisório e temporário, sempre que circunstâncias especiais assim o justificarem.

ART.º 17.º — Esta Postura, entra em vigor depois de cumpridas as formalidades legais, ficando, porém, o cumprimento das suas disposições dependentes da colocação da respectiva sinalização.

ART.º 18.º — Esta Postura poderá ser revista seis meses após a data da sua entrada em vigor.

Em virtude de na freguesia as ruas ainda não terem nomes próprios para melhor identificação, foram aplicados nomes e apelidos de pessoas por que cada uma delas são mais conhecidas.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Esinho, 20 de Junho de 1983.

O Presidente da Câmara

Artur Pereira Bártolo

Em Espinho vive gente de quatro continentes

torna numa sociedade de consumo bastante desenvolvida. Isto fica a dever-se à influência exercida de perto pelo país do «Tio Sam».

Todos nós sabemos que Espinho é uma terra que teve sempre estrangeiros que por cá se fixaram e que nas décadas de 40 e 50 acolheu grande número de turistas vindos da Europa. Conta a lenda que o nome da nossa cidade foi dado por dois

naufrajos espanhóis. Depois, a evolução e o progresso da indústria conserveira, juntamente com o jogo e as suas praias, trazem os ingleses que criam o campo de golfe, ainda hoje conhecido pelo nome de «o campo dos ingleses».

Que a fama de Espinho, Rainha da Costa Verde, fôsse grande, nessa altura, ninguém duvida, ao contrário do que hoje acontece esse cartaz está sen-

tado numa redoma. Mas, tal fama chegar à Oceania, isso é que os nossos leitores desconheciam e nós também. Só foi possível recolher estes dados, graças à colaboração dos serviços de estrangeiros do MAI desta cidade e aos gabinetes distrital de Aveiro e da Zona Centro em Coimbra, sem os quais não teríamos oportunidade de lhes dar esta curiosa novidade.

continuação da página 5

S. João em Espinho

previstas, isto graças ao contributo de todos especialmente da Câmara e Solverde.

«O S. JOÃO DE 84»

Manuel Sancebas diz-nos quais os planos para o ano que vem: «Pensamos enriquecer a Festa com mais marchas, serão convidados diversos lugares do concelho. Haverá um concurso para a melhor e mais bonita marcha, no qual não entrará a do

continuação da última página

Rio Largo (em concurso) porque, sabe como é, surge sempre aquelas questões de bairrismos, de preferências. Será instalado lá em baixo um júri e quando chegadas as marchas ao Rio Largo saber-se-á de imediato a vencedora».

Aliciante esta ideia. Talvez incentive ainda mais as pessoas a participarem e a enriquecerem o S. João de Espinho. Afinal de contas o «nosso» não fica atrás do do Porto...

FONSECA
TECIDOS
MODAS
Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO



RESTAURANTE ★ SNACK-BAR
Sob a gerência do Aquário Marisqueiro
ABERTO ATÉ AS 2 HORAS DA MANHÃ
PRATOS REGIONAIS
SERVIÇO A LISTA
MARISCOS SEMPRE FRESCOS
SALA PARA BANQUETES
Faça-nos uma visita e ficará cliente
Avenida 24 n.º 827 — Telef. 721630 — ESPINHO

A COMISSÃO QUE FEZ O S. JOÃO DO RIO LARGO

Manuel Sancebas / Chico do Nosso Café /
Fernando Canelhas / Espírito Santo / Fernando
Silva / Ivone Roda / Artur Macedo / Ernesto
Campos / Luís Torres

ESPINHO E CULTURA

- Que tipo de relação?
- O que fica para o Poder Local?

Falar de cultura não é tarefa que se nos afigure como «coisa» fácil, sobretudo quando se vive num país como o nosso, que todos pouco mais ou menos conhecem, e onde quase um terço da população com mais de 15 anos é «literalmente analfabeta». Existem muitas carências a suprimir na vida de cada um de nós ao mesmo tempo que a cultura é paga, muitas vezes a bom preço. Por outro lado os «funcionários» da cultura são pessoas comuns quando se alimentam, vestem ou procuram habitação e, para além de todas as alegrias que possam tirar do seu trabalho, vivem (ou sobrevivem) precisando por isso de satisfazer as suas necessidades. Mas o Poder, o Estado, os Governantes viram-lhes, na maior parte dos casos, as costas.

Contudo e apesar desta situação de certo modo preocupante, o nosso trabalho não pretende, longe disso, abordar o tema por estas vias. Para isso haverá «espíritos» mais dotados. Julgamos suficiente ficarmos-nos tão só pelo que se passa (ou poderia passar) em Espinho, local onde, apesar de tudo, se podem registar algumas experiências positivas.

CONT(R)A-CORRENTE

Falar verdade ou mentira, de omitir, ou «meter os pés pelas mãos» à dada de justificações serôdias tudo isto são conceitos com fronteiras muito pouco definidas na nossa cena política. Diz-se uma atoarda com o mesmo à-vontade com que, horas depois, se vem desmenti-la e com que, dias depois, se vem repeti-la. Estamos habituados...

A recente desvalorização do escudo foi desmentida até ao último momento. Mas os homens de negócios mais bem informados, esses, sabiam bem o que estava para acontecer. Tanto sabiam que, no espaço de segundos da desvalorização — e só por esse facto, — ganharam bons milhares.

«Uma desvalorização nega-se sempre até à altura em que é divulgada» — sentenciou, há meses, o nosso primeiro-ministro.

Pois é, mas vale pouco a pena... Ainda a desvalorização do escudo vinha à distância de uma semana já as grandes empresas multinacionais de electrodomésticos, a trabalhar em Portugal, tinham prontas as novas tabelas de venda ao público...

QUAIS AS DIFICULDADES?

Existe numa cidade tão pequena como Espinho, um número de colectividades que se poderá considerar de bastante satisfatório e que cobrem numerosas áreas que se podem incluir num conceito tão vasto como é o de cultura. Não iremos, no entanto, fazer (embora nos ocorra que esse trabalho deveria ser feito por alguém que não nós) um rol de todas elas. Poderemos é dizer que, na nossa cidade e até Concelho se quisermos alargar as nossas fronteiras, estão cobertas áreas como a música (coral, de expressão popular e «erudita»), o teatro, o cinema (por vezes com filmes de excelente qualidade e com entrada grátis mas com salas vazias, enquanto que outras, onde se paga 100\$00 ou mais e são exibidos filmes de qualidade no mínimo duvidosa, estão constantemente cheias) o folclore, o ballet e o cinema de animação com a projecção que se conhece. São por outro lado também levadas a efeito pelas mesmas colectividades, com uma regularidade bastante apreciável e de muita importância, realizações que contribuem para um melhor esclarecimento, sobre determinados assuntos, de todos nós. Incluímos nelas encontros-exposições-debates onde se fala um pouco do nosso património, do artesanato, do desenvolvimento agrícola e industrial do nosso Concelho, de ecologia, de literatura infantil, dos descobrimentos portugueses e da XVII exposição e se promove a venda de livros a preços mais acessíveis do que aqueles que estão no mercado. Isto só para focar aqueles que estão mais próximos de nós no tempo.

De todo este panorama, que não deixa de ser reconfortante para quantos vivem neste «bo-



A falta de estruturas, a Cultura até se faz na rua...

cadinho» do litoral do nosso país, poder-se-á facilmente imaginar que todas estas acções movimentam muita gente e arrastam um número ainda maior de quantos a elas assistem. Mas o resultado de tudo isto ainda está longe do que seria ideal. Repara-se muitas vezes que essas pessoas se repetem, o que quererá dizer que a cultura «produzida» na nossa cidade ainda não alcança aquela expressão, sobretudo ao nível de público, que à primeira poderá parecer. Muitos ficam de fora e, mais grave ainda, só se apercebem que elas existem depois de realizadas. Outras nem isso.

As dificuldades destas colectividades também são muitas. Não se vai aqui referir expressamente o aspecto financeiro e a falta de subsídios, embora eles sejam de facto os principais. Há para além desse problema já de si preocupante, outros. Podemos dar alguns exemplos, sem contudo o assunto se esgotar. A falta de uma aparelhagem sonora que as colectividades não podem adquirir mas pagam bom preço pelo seu aluguer; muitas vezes a quase totalidade do subsídio atribuído pela autarquia para essa realização. A inexistência de uma sala com o mínimo de condições que também as colectividades não podem ter, mas que quando ela não é a piscina (que se começa a tornar insuficiente e já é inadequada para um bom número de manifestações) têm de pagar, e não é pouco nos casos em que não há discriminação, para a sua utilização; lá está outra vez o subsídio. Uma outra limitação existente é a dificuldade de deslocação quando são solicitados espectáculos no exterior. Mas aqui as dificuldades são menores. A Câ-

mara possui uma carrinha, que mediante uma requisição atempada é posta à disposição de quem a pedir. Como não poderia deixar de ser, há critérios. Um deles é o factor antecedência só ultrapassado quando posteriormente se põe um caso em que a distância é maior. A colectividade, para a utilizar, paga 10\$00 por quilómetro andado e terá que ficar a seu cargo a deslocação do condutor da carrinha. Um critério perfeitamente justo, portanto. E estas serão as preocupações, para além da falta de instalações adequadas com que, de momento, as colectividades existentes no nosso concelho se debatem com maior acuidade.

O QUE RESTA PARA ALÉM DO SUBSIDIO?

E depois do que aqui ficou dito, uma pergunta nos fica. Quem pode, e deve, satisfazer algumas, senão a maior parte destas dificuldades? Pensamos que ainda que não lhe deva caber a exclusividade, o poder local deveria assumir um papel importante neste fenómeno. Observa-se no entanto que para além da concessão, ainda que com alguma polémica, de um subsídio ou outro, a cultura é inexistente naquela área que até não sabemos se por ironia (ou talvez não) do destino, tem um pelouro para o efeito. Sabemos que Espinho, ao nível do poder local e ao contrário do que ainda vai acontecendo nalgumas autarquias, não leva a efeito nada que se possa situar neste campo. (Isto embora não se menospreze o papel que a Câmara tem desempenhado no apoio,

Conclui na página seguinte

livraria

LIVRÁLIA

papelaria

Agente do TOTOBOLA

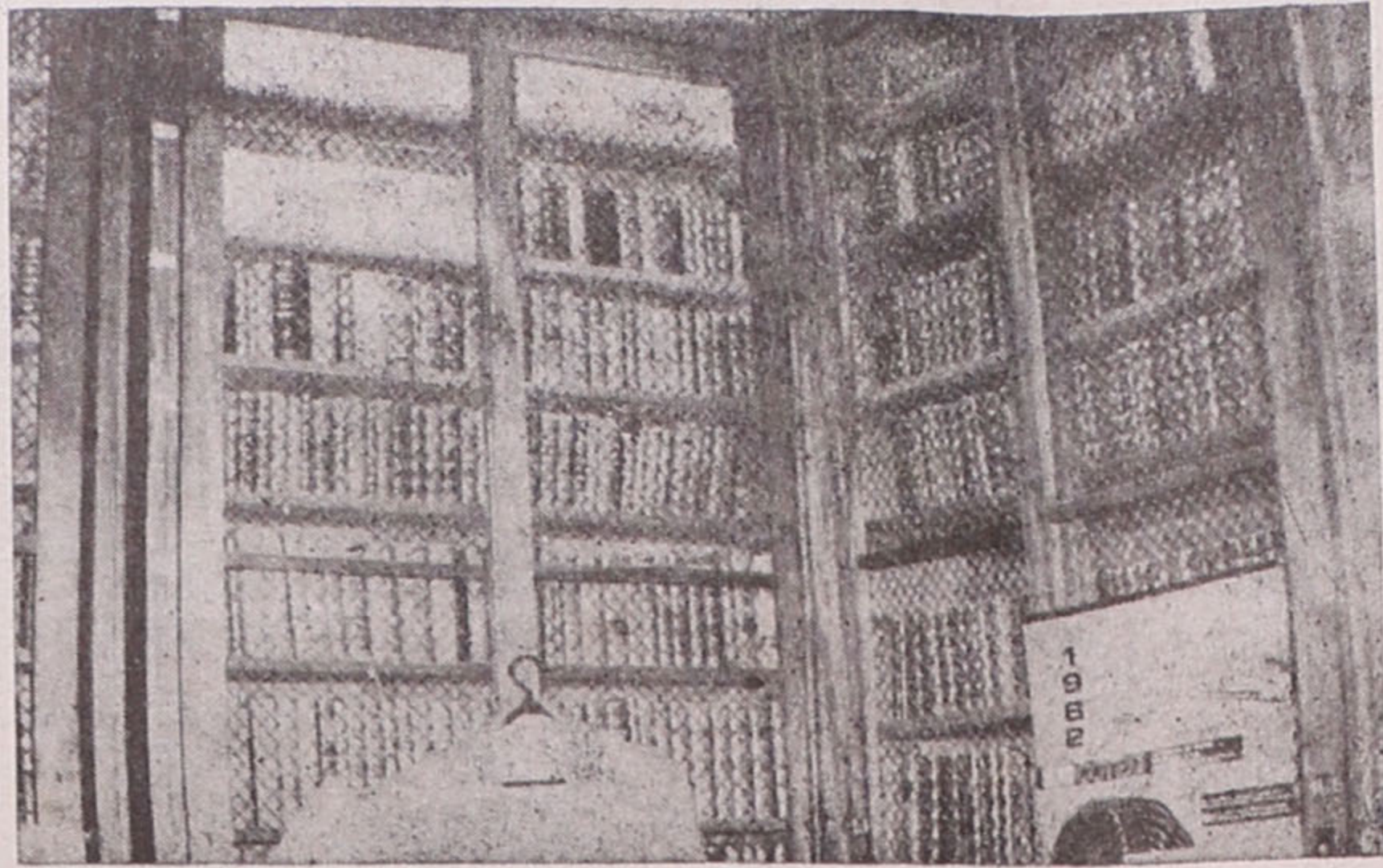
RUA 23 N.º 211

4500 ESPINHO

TELEF. 720513

"COMPRE PORTUGUÊS"

**POR
EXEMPLO,
UM
LIVRO!**



Livros, há muitos... O difícil é escolher!

Férias à porta, Verão na próxima esquina, chega um tempo propício a livros. Os mercadores bem o sabem, e é-foi recentemente — a abertura da «Feira do Livro», essa espécie de instituição que, nos mais dos casos, acaba por nos meter no saco (a preços vantajosos...) velhos «monos» intoxicados pelo pó das livrarias e editoras.

Não é que na Feira do Livro não se façam boas compras, não senhor. «Aquele Livro» que há muito tencionávamos adquirir aparece lá, e com os 20% de desconto da ordem. Até aí, tudo bem. Mas há muita obra menor que acaba por encontrar um lugar no escaparate, um palanque nas acções de promoção, e o indígena menos avisado (ou menos exigente) acaba por comer não só do que quer mas, sobretudo, daquilo que lhe dão...

Adiante, que estas histórias do «marketing» e da sociedade de consumo são bem conhecidas e não tocam só nas literaturas.

Férias à porta, talvez um dinheirito que sobre do respectivo subsídio, tempo mais largo para gastar na esplanada, ao pôr do sol, ou naquele sofá lá de casa — porque não um livro? E porque não, também aqui (sobretudo aqui!), a divisa «compre português», já que tão mal vão as marés para essa moedinha chamada escudo?

Comprar português só porque é cá da terra, também não. Mas a verdade é que há entre nós, e tem-se visto nos últimos

tempos, um par de gente que sabe escrever um par de coisas, nada pior que muito estranha — e com a vantagem de, muitas vezes, falar deste país e povo que são os nossos.

Há sempre um Eça, um Aquilino, um Camilo, um Régio, um Pessoa, um Camões. Clássicos e destacados habitantes desta pátria que é a língua portuguesa para glosar um deles (adivinhem qual, já agora...). Estes, aliás, e muitos outros, dão montes de hipóteses para uma escolha, conforme o nosso gosto, a nossa «pedalada» para livros, a nossa exigência.

Mas não era desses que aqui queríamos deixar notícia. Outros há, bem mais próximos do nosso tempo, que têm estado a aparecer em bom ritmo e que merecem uma pequena visita.

Alguns não são fáceis, admitte-se. Mesmo para quem esteja habituado a ler, alguns dos «novíssimos» ou «novos» portugueses obrigam a um esforço de meninges e a uma familiarização com a leitura que não se pode pedir a todas as pessoas. Já por aquilo que narram, já sobretudo pela(s) forma(s) inovadora(s) com que dão corpo à narrativa, são... difíceis. Todavia, bastantes são também acessíveis ao consumo cidadão (devidamente alfabetizado) e nem por isso inferiores em qualidade.

Exemplo grande deste último capítulo pode ser a badalíssima «Balada da Praia dos Cães»,

de José Cardoso Pires. Esta obra notável, de resto já distinguida — seja com prémios oficiais, seja com o grande número de vendas — junta uma história muito interessante (e saída da realidade portuguesa) a uma notável maneira de contar: elaborada e simples, profunda e fresca, «clássica» e inovadora. Saberá bem a muitos variados leitores.

E há mais, bastante mais... Há Olga Gonçalves, com o recente «Ora esguardae» (e também «Mandei-lhe uma boca» ou «Este Verão o Emigrante lá-bas»), há Teolinda Gersão («O Silêncio», «Paisagem com mulher e mar ao Fundo»), há Lídia Jorge («O cais das merendas», «O dia dos prodígios»), há Maria Velho da Costa («Lúcia llama»). Curioso são muitas mulheres nesta última geração de escritoras nacionais... E outros há, como o recente «Memorial do Convento», de José Saramago, como o «Rio Triste» de Fernando Namora, com os já muito divulgados «Memória do Elefante» ou «Os cus de Judas», de Lobo Antunes... E isto é apenas uma amostra. Uma boa dúzia mais poderia aqui emparceirar.

Entre estes ou outros, a sugestão aqui fica: saiba o que andam a escrever os nossos homens — e mulhees!

Ah! os preços dos livros! Mas... que poderíamos dizer nós que não seja já suficientemente sabido? E lamentado?

Política de Chinelos

(5)

Os dilemas do do sr. Primeiro-Ministro

O sr. Conselheiro, venerando condutor de mais um ministério progressista, conforme os dogmas ideológicos, considerava o seu elenco governamental, coeso, eficiente e realista. Coeso, porque os nobres da Banca cobriam todas as acções, amparavam os dirigentes do Reino, desde que a ordem e a segurança não deixasse de ser a mesma de há muitas décadas, garantidas pela firmeza das baionetas. Eficiente, já que as pastas foram distribuídas de forma inteligente, os homens certos nos lugares vagos. Realista porque contrário a lirismos desnecessários, mas condizente com as necessidades do consenso nacional e as exigências do pacto real. Como exemplos teremos o barão de Murça, abastado agricultor, na pasta de Obras Públicas, o Coronel de artilharia a braços com os Negócios Eclesiásticos e o médico da corte assumindo, heroicamente, a pasta da Marinha.

Mas um elenco governamental, por muito coeso, eficiente e realista que se pretenda, pode ter os seus naturais tremeliques, que é uma forma delicada de falar em abalos. Desta feita, graças à indignação do sr. Visconde, perfeitamente alterado, no porte e na tensão arterial, com as pretensões do sr. primeiro-ministro. Então, aquele areal ventoso, povoado de míseros pescadores e perigosíssimos liberais, disfarçados de comerciantes, atrevia-se a solicitar o título de concelho, enquanto a praia frequentada pela corte era preterida. O Visconde agitava o dedo, disparava graves palavras, à mistura com algumas soletradas, por força de hereditária gaguez, construía um ar solene e deixava o monóculo estilhaçar-se no soalho.

O conselheiro ponderava a situação. O Visconde ameaçava insubordinação parlamentar, o Marquês, após várias robalos grelhados, servira como digestivo o ultimato dos industriais das conservas, bem protegidos pelos senhores da Banca. O Visconde ia sacrificar o sr. Primeiro-Ministro com uma ode parlamentar, de longa duração. O Marquês ia torturar o ilustre Conselheiro com uma monumental feijoada, de penosa digestão. E a coesão ministerial ameaçava demolir, cada uma das nobres figuras chamava para o seu concelho os eficientes, coesos e reais Ministros. O Conselheiro coçava o nariz, tentando ignorar a próxima sessão das cortes.

Enquanto a folha vespertina publicava, a três colunas, a confiança do sr. Primeiro-Ministro no consenso ministerial e na eficiência do pacto parlamentar, o médico da Marinha ameaçava com a demissão, em virtude da não nomeação do sobrinho farmacêutico como Governador Civil e o industrial das conservas preparava-se para partir, desta nossa praia, rumo à capital, disposto a combater o Visconde.

ESPINHO E CULTURA

Conclusão da página anterior

como já foi realçado aqui, às colectividades através da atribuição de subsídios). Mas isso mesmo reconhecem os nossos autarcas.

Para além de todas as carências já referidas que se vivem em Espinho neste sector, e já não vamos falar na tão desejada casa da cultura, com a sua concretização ainda tão longínqua no tempo, que ao que parece vai incluir o museu e a biblioteca municipal que não temos, outras mais ainda se podem apontar. São elas, a falta de um plano de realizações impulsionadas pela autarquia; esta limita-se a receber e aceitar os pedidos de colaboração que lhe são feitos. Por outro lado não há no orçamento da Câmara uma verba para dispendir na cultura. Apenas a distribuição anual ou ocasional de subsídios, o que origina muitas vezes as colectividades não poderem avançar

porque a sua atribuição só irá ser distribuída mais tarde. A falta de um investimento, o que poderia evitar ou reduzir muitos subsídios, numa aparelhagem sonora, num sistema de luzes e até num palco de fácil montagem e acessível ao único espaço existente, a piscina. Não há também e isto já seria exigir demais embora aconteça nalgumas autarquias do país, um profissional pago pela Câmara e que trabalhe directamente para a cultura local.

Tudo isto, embora com as limitações e subjectividades que lhe queiramos apontar, são sectores que em nossa opinião se devem levar em conta para uma política cultural. E, este pequeno melhoramento não exigia o dispendir de uma verba muito maior (senão menor) do que a actualmente «dada», muitas vezes sem critérios, em subsídios.

Festa "foi" Festa...

No sábado passado, foi para o ar o último espectáculo de «Festa é festa». E dizemos «espectáculo», porque, efectivamente, de tal se tratava. Durante muitas semanas o programa de Júlio Isidro entreteve as tardes de sábado de muitos milhares de tele-espectadores portugueses. Mas entreteve duma maneira inteligente, cobrindo variadíssimos sectores da cultura portuguesa: do teatro à literatura, da (boa) música-popular, ligeira ou clássica, ao fait-divers, evidentemente. Momentos de humor bem conseguidos, com Maria Vieira (aquela espantosa revelação do Adoque), Anja Bola e, sobretudo, Mário Viegas. Estamos em crer que boa parte do êxito do programa se ficou a dever a esse completíssimo homem-dos-sete-instrumentos que se chama Mário Viegas. Ficou na retina de todos, certamente, aquela espantosa re-criação de Fernando Pessoa que Mário Viegas fez num dos primeiros programas,

e que bisou no último. O nome desse admirável actor ficará indissolúvelmente ligado ao êxito de Júlio Isidro.

Júlio Isidro que é o grande responsável por ter criado autênticos «oásis» de qualidade numa Televisão onde esse adjectivo anda, quase permanentemente, arredio. «O Passeio dos Alegres» e o «Festa é festa» são marcos indicativos e extremamente significativos de que,

num «média» como a Televisão é possível compensar o pagamento da taxa com momentos de inegável valor. A todos os níveis. Momentos menos conseguidos? Claro que os houve... Mas foram largamente derrotados pelos bons, belíssimos momentos de entretenimento que, durante 33 programas encheram os nossos écrans, aos sábados à tarde. Por isso mesmo, aqui ficam estas linhas.

BANDA DESENHADA

Colaboração do Atelier de Animação da Nascente

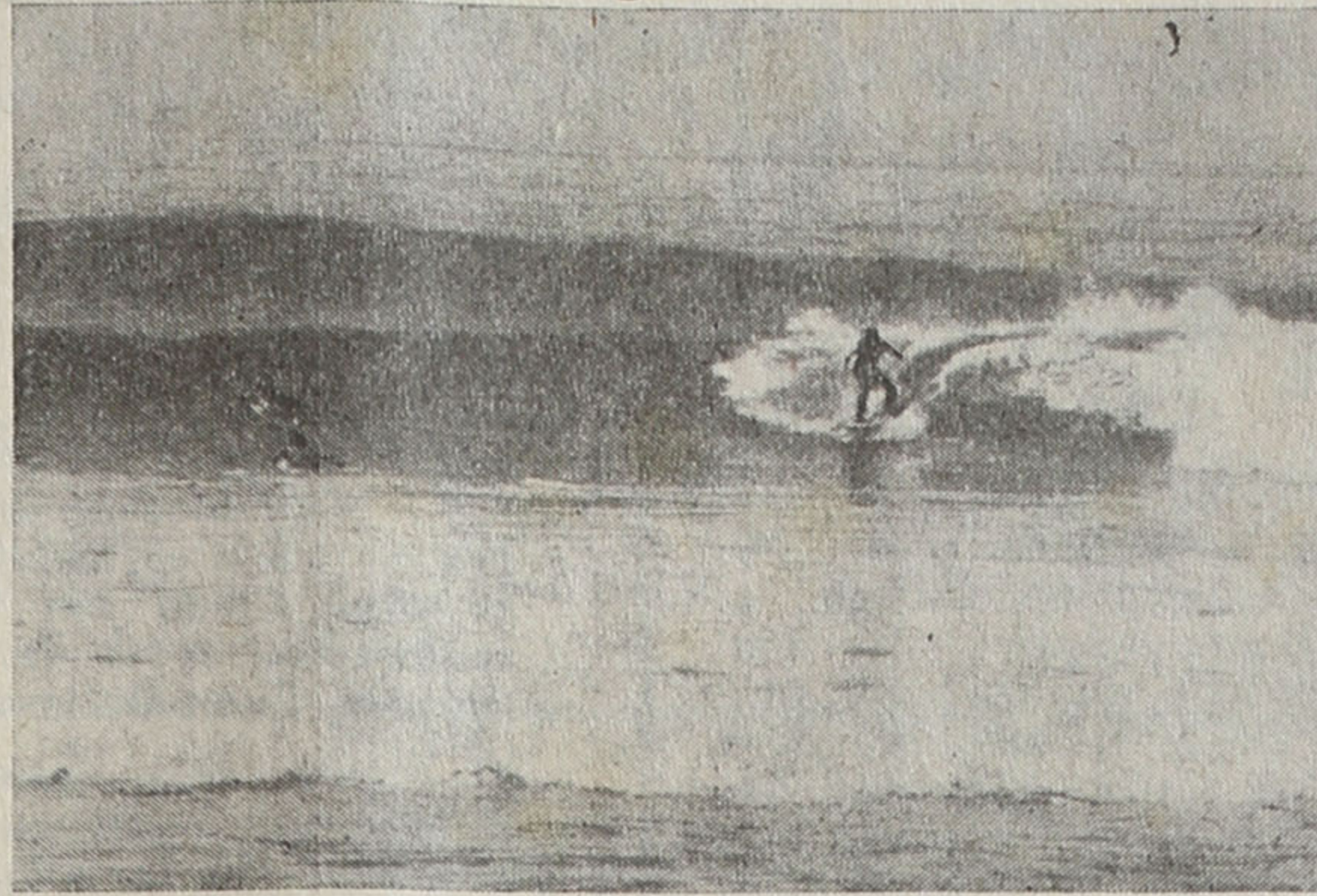
RAIOS, JÁ VOU ATRASADA PARA O CARTOON

B22
B22

de Cuba

SURF

Tudo bem...
só faltaram
as ondas!



Uma modalidade espectacular

Espinho pôde assistir no passado fim-de-semana ao Campeonato de Surf de Espinho, realização inédita no norte do país e que veio divulgar ainda mais uma actividade que tem crescido gradualmente de participação no nosso país.

A organização deste campeonato partiu de uma casa de hamburguers, a Tico's, lugar de encontro de numerosos surfistas tendo como principais objectivos, segundo nos disse o

elemento da organização, Gonçalo, além da competição, o divulgar desta prática desportiva e o provar que no norte se pode praticar o surf, chamando assim mais participantes para esta zona do país, como seja no caso deste campeonato em que participaram equipas de numerosos lugares do país: Porto, Aveiro, Lisboa, Carcavelos, S. Pedro, Costa da Caparica num total de 45 participantes.

Esta realização contou com o patrocínio de numerosas empresas quer da zona de Espinho quer nacionais com a especial colaboração da Câmara de Espinho, dos Bombeiros Voluntários e da Solverde.

Espinho embora tenha boas condições para esta prática (o melhor lugar do norte, segundo disse um elemento desta organização) desta vez as ondas não vieram, e o mau tempo com nevoeiro e chuva esteve presente

fazendo com que a competição saísse um pouco «furada» pois era muito difícil fazer com que as pranchas deslizassem em ondas que não existiam. No entanto são de concluir pontos positivos como seja uma boa organização, que promoveu o convívio entre surfistas, o aparecer a ideia para a criação de uma Federação Portuguesa de Surf que passaria a organizar este tipo de provas.

BANCADA DE IMPRENSA

Hoje, vou contar uma história de fantasia, ocorrida num planeta de uma galáxia diferente, situada a milhões de anos-luz desta Terra onde (por enquanto...) vivemos. Pois nesse planeta também se jogava uma coisa que dá pelo nome de futebol. E, naturalmente, existia uma entidade máxima que superintendia esse desporto em todo o planeta. Nesse longínquo local havia seres de cor verde, outros de cor-de-malva, outros azuis... E todos se iam mais ou menos entendendo. Mas (há sempre um «mas» nestas histórias) um País havia onde os verdes eram privilegiados em relação aos de outras cores, que, por um simples acaso, eram muito mais que os ditos verdes. Coisas, não é? Por isso mesmo a entidade suprema do futebol desse planeta proibiu relações desportivas dos outros países com o tal país que só via os verdes. E toda a gente respeitou isso!

Mas... (cá está a pelavrinha de novo) num outro país, onde os dirigentes do futebol se achavam muito mais inteligentes do que os do tal órgão máximo/planejador, país esse onde o tal desporto chamado futebol andava muitíssimo à rasca de massas, os tais chefes locais do pontapé na bola receberam um convite muito compensador dos tais verdes: a selecção já lá jogar com um clube dum ilha que ficava perto e recebia um balúrdio. Para disfarçar, trocaram-se uns nomes a certos jogadores conhecidos, vestiram-se-lhes outras camisolas, e obrigou-se o presidente do tal clube da tal ilha que ficava perto a jurar a pés juntos que a sua equipa nunca tinha feito tal jogol! E assim foi! Grande partida, não foi?

E pronto. Por esta semana aqui deixo os leitores com esta «História do outro Mundo».

ESPINHO, 2 - LUSITANO, 0 — Dever cumprido e... pouco mais!

Para começar a 2.ª volta da Liguinha, o Espinho amealhou mais dois pontos frente a um Lusitano de Évora que na primeira volta e em Évora tinha sido goleado pelos espinhenses por 4-1. No encontro de domingo passado, o Avenida, com um relvado bonito e bem tratado, apresentava também uma boa moldura humana, numa tarde algo ventosa. E bem se poderá dizer que o encontro começou da melhor maneira para a equipa da casa: aos 2 minutos, Vitorino fugiu pela extrema-esquerda, foi quase até à linha de fundo, veio atrás e, quase do

bico da área, disparou um potente remate que bateu, sem apelo nem agravo o guarda Vital, talvez «tapado» por algum dos seus companheiros da defesa. Mas daí ao final do primeiro tempo, a equipa do Espinho passou a jogar um futebol confuso, com o meio-campo a não funcionar, especialmente João Carlos, que falhou nesse período de tempo passes a mais. Ressalve-se dois remates de longe de Carvalho, e com algum perigo. No segundo tempo a coisa melhorou um pouco: o SCE insistiu sempre no ataque mas quer Bábá quer

Móia atrapalhavam-se um pouco na zona da verdade. Finalmente aos 63 minutos Vitorino centrou para a pequena área, João Carlos parou a bola com o pé, olhou para a baliza, e chutou para o melhor sítio. João Carlos que, diga-se, foi igual a si mesmo nos últimos 45 minutos: voluntarioso, e com discernimento. Logo dois minutos depois, um atraso mal feito por parte de um defesa eborense para o seu guarda-redes foi interceptado por Vitorino que rematou mais em jeito que em força, permitindo a defesa de Vital. E faltavam seis minutos para o final

do encontro quando, com o guarda-redes eborense batido, este foi substituído por um defesa, que jogou a bola com a mão. Penalti, que Móia não converteria, mandando a bola à barra transversal.

Destacques no SCE para Dinis (o melhor em campo) João Carlos, na 2.ª parte, e Vitorino. Arbitrou Joaquim Gonçalves, do Porto. A equipa do Espinho foi a seguinte: Mendes; Dinis, Balacó, Serra e Raul; Carvalho, João Carlos e Pinto da Rocha; Móia, Bábá (Moinhos, aos 59 min.) e Vitorino (David, aos 73 m.).

CONFEITARIA



Especialidades regionais — Pastelaria sempre fresca
Angulo das ruas 20 e 23 - Telef. 722514 - ESPINHO

Casa Romeu

FILIPE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - Tels. 721433/723056 - ESPINHO

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C

TELEF. 720584

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TELEF. 720091

VOLEIBOL

S. C. E. - 3.º lugar
no Nacional

Terminou no passado fim-de-semana o Campeonato Nacional da 1.ª divisão (masculinos) de Voleibol, que teve como brilhante vencedor o Esmoriz. Na segunda posição ficou o Leixões, o Sporting na 3.ª e o FCP na 4.ª. Seguiram-se as quatro equipas do Sul — Benfica, Nacional de Ginástica, CDUL e ISEF. A classificação final é bem demonstrativa da evidente superioridade nortenha nesta modalidade.

Ao bater na última jornada o FC do Porto por 3-0, o Espinho alcançou-se à 3.ª posição. Recorde-se que, há duas jornadas atrás, os espinhenses estavam na 5.ª posição. Duas vitórias face aos seus mais directos competidores (Porto e Benfica) permitiram aos «tigres» a obtenção desta honrosa posição, que culmina uma época algo irregular.

S. JOÃO POR CÁ

UMA ALTERNATIVA

AO S. JOÃO DO PORTO ?

A tradicional festa do S. João, há uns anos largos, pode dizer-se ter sido a grande festa da cidade quando era festejada no dia da comunhão solene em Junho, em que os grupos folclóricos actuavam na Igreja.

Anos mais tarde, passou a ser festejado o S. João no Centro da Cidade, aí permanecendo durante cerca de quatro anos, mudando-se de seguida para o Rio Largo, mas não definitivamente, uma vez que no Jardim Estrela também «se fez o S. João».

E de lá para cá, de cá para lá, acabou por ser o Rio Largo o local eleito para a festança. Há cerca de 20 anos que as gentes de Espinho e arredores na noite de S. João lá vão beber o seu copo e dar a sua voltinha no carrocel.

O NOSSO S. JOÃO

Falar do S. João do Rio Largo é falar não só de sardinhas e caldo verde, petiscos típicos em todos os «Saõs Joões» mas também do Sancebas, do Xico do Nosso Café e todos os que dão vida ao Rio Largo nas quatro noites de S. João.

De ano para ano o Rio Largo tem crescido de popularidade, segundo nos disse a comissão organizadora, «o trabalho tem sido muito nos últimos cinco anos mas não têm faltado incentivos e todos se prontificam a ajudar sempre que necessário. As diversões na festa têm contribuído para um maior afluxo de

Comemorar o S. João é já uma tradição na nossa cidade. E, apesar da proximidade do Porto, onde o S. João tem uma dimensão que o torna único em todo o mundo, a verdade é que Espinho ganhou autonomia, tanto no que respeita ao facto de ter ganho um público próprio, quer ainda à custa de uma forma diversa de «fazer a festa».

Por isso, com as dificuldades inerentes à organização de tudo aquilo que custa dinheiro, os festejos em honra de S. João Baptista aconteceram mais uma vez este ano em Espinho, centrados fundamentalmente no Rio Largo. Quatro dias diferentes, a justificarem a reportagem.

personas, sendo uma das fortes razões por que muita gente e principalmente a juventude «vai à festa».

E como nem só de alegria vive o S. João, e também é preciso dinheiro para que haja festa, a comissão organizadora tem-se esforçado para conseguir um maior número de subsídios não só na cidade mas também fora dela e para isso há que vender rifas, fazer sorteios e porque não pedir de porta em porta».

OS CONDIMENTOS DA FESTA

Para além dos tradicionais alhos porros, dos martelinhos, do fogo de artifício que muito caro custa à festa, e dos cabeçudos, da cascata, o nosso S. João teve uma banda, a de Lobão para animar o pessoal, os conjuntos pop habituais e ainda a banda das latas «Os

Vinagrentos do Lugar de Brito» que foram «a coisa» mais original da festa, conseguindo com umas simples latas de tinta e muito humor fazer a festa. Marchas não faltaram. Com cabeçudos, música, ranchos folclóricos e muita gente atrás, saíram do largo da Câmara, passando pela baixa, e subiram o pontão que apesar de se tornar um sacrifício para os reumáticos se tornam bonitas quando vistas do Rio para o pontão bem iluminadas pelo fogo de artifício.

A Tendinha, com vários anos de existência, tem valorizado muito a festa, segundo a comissão de festas, sobretudo para todos aqueles que no meio da euforia S. Joanina procuram um lugar calmo e recatado para conversar e saborear a sua sardinha. Todos os anos as mesmas pessoas que frequentam a Tendinha lá se encontram

para beber o seu copo, tornando-se assim um lugar familiar.

S. JOÃO DESPORTISTA

Toda a gente sabe que Espinho é uma terra de desportistas e a comprová-lo é que mesmo no S. João quando toda a gente «ginástica» nos bailaricos ainda há lugar para o exercício físico. Em anos anteriores estiveram ligadas às comemorações do S. João iniciativas desportivas, provas de motocross, corridas de cavalos, provas de atletismo, este ano foi a vez do ciclismo, prova realizada no domingo. De forma que nada faltou no Rio Largo, graças ao esforço dos organizadores que fizeram questão para que nada faltasse, conseguindo fazer menos despesas que as inicialmente

continua na página 6

UMA FESTA PAGÃ COM CHEIRO A RELIGIÃO

A LENDA DE UM HOMEM

João Baptista nasceu na Galileia cerca de 5 AC e morreu em 28 DC, degolado às ordens de Antipas por um capricho de Salomé, filha de Herodias, isto segundo a tradição cristã.

A sua vida, entregou-a à organização daquilo a que hoje se chama um movimento popular, destinado à preparação da chegada do Messias.

Reconhecido como uma séria ameaça para o exército romano de ocupação, mantendo-se à margem dos movimentos emancipalistas estruturados pelas classes dirigentes da Galileia que pretendiam a independência sem transformações sociais, João Baptista é considerado por alguns sectores da historiografia moderna como um homem que lutou pela justiça e pela libertação da sua terra. As suas ideias, e a simpatia que conquistou junto das classes populares, pagou-as com a vida, vítima de um acto criminoso que 2000 anos depois ainda não deixou de ser, também ele, tradição.

UMA FESTA PAGÃ

Não deixa de ser bizarro, portanto, que a festa dedicada a um homem como João Baptista se apresente da forma como todos a conhecemos: a alegria, uma brejeirica carregada de ironia, a expressão da fé reprimida ao longo de um ano demasiado tomado pelas obrigações da sociedade.

Curioso é que a igreja se apresenta quase completamente à margem desta festa. Com efeito, é fácil constatar que a religião surge apenas como um pretexto. As origens da festa não são contudo estranhos alguns rituais pagãos, anteriores à própria cristianização da península, recuperados e transformados segundo as imposições éticas de uma sociedade que também mudou.

NA RUA 35 O SANTO FOI FESTEJADO AO SOM DOS 'STONES'

Certamente, nenhum automobilista abrirá a boca de espanto se, na noite de 23 para 24 de Junho, ao dobrar de uma esquina, deparar com uma fogueira no meio da rua a barrar-lhe o caminho.

De facto, a fogueira tem sido e tudo leva a crer continuará a ser um dos símbolos das festas de S. João. Claro que se a isto juntarmos a «velha» sardinha assada, «alumiada» — como não podia deixar de ser — pelas já célebres «candeias» de cinco litros, tão do agrado dos portugueses, não será concerteza por falta de combustível que uma boa noite será afectada.

Principalmente aqui no norte do País, «cópias» do quadro que acabamos de descrever, podem ser encontra-

das um pouco por tudo quanto é sítio. O que certamente não será muito comum, é aparecerem como principais promotores e animadores, em iniciativas deste género, miúdos com idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos, como vem sucedendo ali p'ros lados da rua 35, mesmo junto da Fundação.

Com um programa aprovado ao que consta no decorrer de um dos muitos desafios de futebol realizados lá na rua, estes miúdos são de facto os «heróis desta história». Cabe-lhes a eles arranjar lenha para a fogueira; montar instalação sonora e iluminação; ornamentar o recinto, cabendo-lhes ainda a angariação de fundos indispensável para a compra das sardinhas e bebidas destina-

das a consumir durante a noite. Todos os que de uma ou de outra forma contribuem para esta realização, comem e bebem enquanto quiserem, sem terem de pagar seja o que for. Ao contrário, os que se recusarem fazê-lo, nem pagando podem comer ou beber. Aliás, nada mais natural...

Mas, como seria de esperar, também no S. João, o chamado «conflito de gerações» se faz sentir. Isto porque para os heróis desta festa marchas de S. João ou qualquer outro tipo de música portuguesa não era aceite. Daí que, ao longo da noite os altifalantes fossem debitando música que pouco ou nada tinha a ver com a data que então se festejava. Com efeito, Stones, Spandau Ballet ou Imagination, não

será propriamente o mais indicado para estas ocasiões. No entanto, isso não impediu que à volta da fogueira se juntassem pessoas com idades que poderiam ir até aos 80 ou 90 anos.

E, se os mais jovens preferiam a «pista» de dança — uma vez que a música era a seu gosto — à mistura com saltos à fogueira, os menos jovens, que não queriam dançar ou saltar à fogueira, também não perdiam o seu tempo. Estendendo as sardinhas em pedaços de boroa, levavam-nas à boca dando por vezes a sensação de que tocavam gaitas de beijo. Enfim... cada um à sua maneira, mas ambas as partes festejando o mesmo Santo. Por isso é tão popular.



Não há nada como ter um campo relvado! Para além de acabarem os problemas da poeira, até se joga um futebol melhor. Isto não quer dizer que baste haver relva para qualquer pessoa ficar a ser um «craque»! Mas lá ajudar, ajuda...

Para além disto, o Campo da Avenida (pois é naturalmente, dele que falamos) tornou-se, mesmo ainda sem bancada, um «palco» digno para qualquer acontecimento desportivo. Como prova disso, a FPF marcou para o próximo domingo, às 11 horas, no Avenida, a Final da Taça Nacional de Juvenis entre o Vitória de Guimarães e o Benfica. A anteceder a final, disputar-se-á um encontro-aperitivo em iniciados, entre as selecções de Lisboa e do Porto.

Se gosta de futebol, aí tem uma boa oportunidade de ver uma final, a nível nacional.

WARRÉ VIVA
 ESPINHO

PORTE PAGO Camara Municipal de ESPINHO